



Neamp

Entre os ciberotimistas e os ciberpessimistas com Fernando Azevedo

A internet modificou os hábitos e comportamentos da sociedade, mas será possível mensurar seus limites e alcances? Segundo o professor Fernando Azevedo, doutor em Ciência Política pela USP, pesquisador do CNPq, membro do Neamp e professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), a web é um instrumento na ampliação da informação, potencializando a participação dos cidadãos, particularmente aqueles interessados na mobilização e organização política.

Na esteira dessas discussões, Azevedo concedeu entrevista à Aurora onde falou sobre o uso da Rede como ferramenta política, sobre as últimas eleições municipais e o pleito nos Estados Unidos.

Aurora – Hoje, pode-se identificar duas grandes correntes de pensamento sobre a democracia na internet: de um lado temos os ciberotimistas, que vêem a web como um novo processo de ampliação da participação democrática, criando novas redes de colaboração. Por outro, temos os críticos da internet, que afirmam que a web acaba por promover a fragmentação do espaço público, enfraquecendo a participação política. Dentro deste quadro, como o senhor vê a relação entre a democracia e internet?

Fernando Azevedo - A emergência das novas tecnologias de informação e da internet são muito recente e ainda estamos numa fase de avaliação do seu potencial tanto em relação à criação de novas sociabilidades quanto do seu impacto no comportamento político. Claro, nos últimos dez anos já se tornou visível que a internet modificou profundamente hábitos e comportamentos, mas não sabemos ainda os seus limites e alcances. Pessoalmente, acho que entre os otimistas e os pessimistas eu fico no meio do caminho. Não há dúvida de que a internet é um poderoso instrumento na ampliação da informação e facilita a participação dos cidadãos interessados nas questões públicas que, agora, podem se informar através de sites independentes da imprensa tradicional (jornal, revistas, rádio e TVs) ou de fontes oficiais e manifestar sua opinião através de blogs e outros meios digitais. A internet e os novos meios digitais podem promover uma fragmentação do espaço público, mas também facilitam a



Neamp

mobilização e a organização política (como vimos na campanha do Obama que arrecadou milhões e arregimentou milhares de voluntários pela internet) e dá uma grande velocidade às ações coletivas (um bom exemplo foram às manifestações de rua na Espanha após o atentado de 11 de setembro de 2004) e às respostas políticas (a virada eleitoral em 72 horas que elegeu Zapatero). Apesar destas potencialidades penso que a internet necessariamente não nos conduzirá a ampliação da democracia, pois sempre dependeremos da existência do cidadão interessado nas questões públicas. E estes, embora possam variar de país para país dependendo da cultura política, são sempre uma minoria em qualquer democracia. Um simples dado das pesquisas sobre o uso da internet aqui e em outros países reforça essa minha visão: a maior parte dos usuários usa a internet não para assuntos políticos, mas para assuntos privados ou ligados a serviços e entretenimento. Em resumo, apesar do potencial que a internet tem em ampliar a informação e a participação dos cidadãos interessados, não acredito que ela recriará a “ágora” da democracia grega como sonham alguns otimistas.

Aurora - Em que medida a manifestação de cidadãos através da Internet aponta para um novo estágio da democracia, uma vez que existem grandes dificuldades em estabelecer o controle e uma legislação eficaz sobre a informação na Web?

Fernando Azevedo - Como sabemos a internet é uma rede que nasceu sem centro e sem controle. Qualquer um pode entrar nela, navegá-la e emitir sua opinião ou exibir o que quiser, com exceção de material socialmente condenável (pedofilia, atitudes criminosas, etc.). Essa liberdade é inerente ao conceito original da internet. Mas, do ponto de vista político, há tentativas de restringir essa liberdade como na China (onde sites considerados perigosos politicamente são bloqueados) ou em Cuba onde o acesso à rede é difícil ao cidadão comum. Estes tipos de restrições são impensáveis nas democracias e, como me referi na resposta anterior, a internet amplia e acelera a circulação da informação política e cria novos canais de participação para o cidadão interessado. Sem dúvida isso alarga os limites da democracia e lhe dá uma nova qualidade, pois o acesso ao debate político passa a ser instantâneo, simultâneo e sem limites espaciais. Mas, é bom lembrar, sempre dependerá da vontade do cidadão interessado e da sua disponibilidade em “clicar” e navegar nos sites políticos.



Neamp

Aurora - Este ano o TSE criou uma Resolução nº 22.178, que pela primeira vez legislou sobre a Internet. O que o senhor achou desta resolução? É possível controlar a Internet nas eleições?

Fernando Azevedo - O TSE considerou que a internet é equivalente à uma concessão pública, como a TV e os rádios, e nesse sentido lhe deu o mesmo tratamento jurídico. Penso que essa é uma posição equivocada. Até porque na prática se é viável controlar os sites partidários, é difícil impedir que qualquer cidadão se manifeste sobre suas preferências partidárias e eleitorais. A internet deveria ser livre como a imprensa escrita, que não é regulada pela lei eleitoral.

Aurora - Qual a sua opinião sobre o projeto de lei do senador Eduardo Azeredo que procura cercear o uso da internet no Brasil?

Fernando Azevedo - Sou totalmente contra. A internet não precisa nem deve ser regulada ou controlada. A única exceção que se deve abrir, em minha opinião, diz respeito aos controles necessários para evitar crimes tipificados em nossa legislação penal.

Aurora - A campanha de Barack Obama foi notadamente marcada pelo uso da Web 2.0. Em que medidas poderiam tomar esse aspecto da campanha como importante para o sucesso na disputa presidencial dos EUA?

Fernando Azevedo - O peso da WEB 2.0 na campanha do Obama se deu em dois níveis. Primeiro, na arrecadação de fundos, cuja maior parte foi feita via internet. É um fenômeno que lembra as antigas campanhas brasileiras no pré-64, do “tostão contra o milhão” em que candidatos, como o Jânio Quadros, colocavam garrações nas ruas para recolher donativos dos populares. O sucesso da estratégia da campanha do Obama foi tão estrondoso que ele abriu mão do financiamento público e terminou a campanha com dinheiro suficiente para comprar mídia e veicular um comercial com a duração de 30 minutos em escala nacional. Segundo, a grande capacidade de mobilização de voluntários para a campanha, estimada em 1,5 milhões de pessoas e arregimentada basicamente pela internet. Além dessas duas coisas a campanha usou sistematicamente a internet para difundir o programa e a opinião do candidato. Apesar



Neamp

do inegável peso da WEB 2.0, penso que os comerciais e os debates na TV, bem como a cobertura dos jornais, tiveram um impacto mais decisivo na definição do resultado. Mas, sem dúvida, nesta campanha ficou evidente o poder da internet nas campanhas eleitorais e certamente ela será cada vez mais usada de forma intensiva tanto lá como aqui.

AURORA - Um democrata eleito presidente dos EUA. O que muda para a América Latina?

Fernando Azevedo - Pouca coisa. Penso que as prioridades dos USA continuarão a ser a guerra no Oriente Médio, a questão palestina e a luta contra o terrorismo. Há ainda a tensão contra o Irã e a Rússia. Do ponto de vista econômico a atenção dos USA continuará a ser o crescente papel da China na economia mundial. Mesmo assim, acho que haverá algumas mudanças em relação a nós que estamos abaixo da linha do Equador. Obama deverá rever a prioridade dada por Bush aos acordos bilaterais e deverá reverter o apoio incondicional que os USA davam a Colômbia em nome da guerra contra o terrorismo. É possível que também dê uma maior atenção ao Brasil por conta do seu peso regional e que inicie algum tipo de negociação com o governo cubano. Independentemente de sua relação com a América Latina, o grande ganho internacional com a eleição do Obama será certamente o retorno à política do multilateralismo e o abandono dos princípios neoconservadores em política externa que defendia a exportação da democracia por meio da guerra.

Aurora - Seria possível afirmar que a presença de informações sobre os candidatos do último pleito municipal na Internet (site dos candidatos, comunidades do orkut, youtube etc.) contribuiu para um maior desenvolvimento do interesse político da população?

Fernando Azevedo - Sobre a última campanha municipal penso que a internet ainda não atingiu, entre nós, a mesma escala de utilização que vimos na recente campanha presidencial americana. O uso pelas nossas campanhas ainda se limita aos sites dos candidatos, mas ainda com uma interatividade tímida. Ainda temos muito que avançar também em termos de mobilização de simpatizantes e adeptos. Ainda assim, as campanhas cada vez mais se tornam presentes nas comunidades digitais e essa será uma tendência inevitável.



Neamp

Aurora - A última eleição municipal foi marcada pelo fortalecimento de alguns partidos (PMDB, PT e PSDB) e o enfraquecimento de outros (como o DEM). Qual a análise que o senhor faz desta conjuntura?

Fernando Azevedo - O sistema partidário brasileiro vem se polarizando, desde as eleições de 1994, no plano federal, em torno de duas legendas, o PT e o PSDB enquanto que no plano estadual e municipal a dinâmica eleitoral tende a cristalizar três legendas (com o PMDB) como as mais relevantes. Nesse sentido, o DEM, herdeiro do PFL, do PDS e da ARENA e que aglutinava os setores mais identificados com as teses conservadoras perde importância eleitoral e política e se transforma numa legenda auxiliar dos tucanos. Podemos dizer que a política nacional está gravitando em torno do centro político, com o PT no pólo centro-esquerda e o PSDB no pólo centro-direita e o PMDB, um partido tipicamente de centro e do tipo “pega-todos”, assumindo um papel de fiel da balança do poder, pois seu apoio se torna cada vez mais importante para a governabilidade tanto do PT quanto do PSDB. As eleições municipais não alteraram esse quadro.

Aurora - Qual será o papel do PMDB na eleição presidencial? Com a maioria dos prefeitos, ele pode reverter o quadro eleitoral?

Fernando Azevedo - Como disse na resposta anterior, o PMDB será o fiel da balança entre o PT e o PSDB. Os peemedebistas não têm possibilidade de encabeçar uma chapa presidencial (salvo de Aécio migrar para sua legenda), pois apesar do seu tamanho o partido funciona como uma federação de lideranças regionais e não possui nem unidade partidária nem nenhum nome de peso para disputar a presidência. Parte do PMDB deverá apoiar o PT e outra o PSDB, qualquer que seja a direção da coalizão eleitoral que seja definida em sua convenção partidária. A única coisa previsível é que certamente estará no poder seja qual for o vencedor da disputa de 2010.

Aurora - Os cursos universitários de jornalismo já garantem em seus currículos disciplinas voltadas para os meios eletrônicos. Podemos afirmar que os blogs de jornalistas apontam para um novo tipo de jornalismo? Se sim, essa nova forma de divulgar informações implica uma diminuição das possibilidades de manipulação, uma



Neamp

vez que os leitores podem interferir com debates e novos enquadramentos sobre o fato noticiado?

Fernando Azevedo - Hoje há uma grande discussão sobre o destino do jornalismo tradicional, tradicional aqui entendido como suportado pelo papel, pela edição semanal ou diária vendida nas bancas ou entregue nas casas dos assinantes. Os mais visionários apostam que um dia o jornalismo terá apenas o suporte digital. Não importa o suporte, o jornalismo continuará jornalismo, com informações e opiniões. No caso dos blogs, as coisas mudam de figura, pois há o que se chama de “jornalismo cidadão”, em que qualquer pessoa se transforma em jornalista ao publicar informações ou fazer comentários em seu blog pessoal. E há os blogs mantidos pelas grandes empresas jornalísticas ou individualmente por jornalistas profissionais em que o leitor tem espaço para comentar, contestar, contrapor opiniões, enquadramentos, etc. Isso abre uma via de duas mãos em que o leitor pode se manifestar de forma imediata e atingir todos os leitores do blog. Se não elimina as eventuais manipulações, torna possível denunciá-las de forma mais imediata e abrangente e, de resto, amplia a capacidade de discussão pública que é muito limitada no jornalismo tradicional porque a relação veículo/eleitor é basicamente unidimensional, restando ao leitor apenas a sessão de cartas à redação.

Aurora - Até agora o governo Lula voou em céu de brigadeiro. Com a crise internacional, o senhor acredita que o governo terá mais dificuldades?

Fernando Azevedo - Sem dúvida. A crise atual parece maior do que a dos anos 80 e ao atingir o coração do capitalismo impactará todo o sistema econômico mundial. Em relação ao Brasil, o país está bem melhor preparado do que no passado para enfrentar os efeitos da crise, mas certamente deverá ter um crescimento menor e isso se refletirá no aumento da taxa de desemprego. Contudo, caso o Brasil consiga crescer algo em torno de 3% no próximo ano e em 2010 com inflação sob controle o quadro ainda poderá ser positivo para o governo Lula.

Aurora - Por enquanto, pesquisas mostram que o presidente Lula não conseguiria transferir votos. Quais serão as estratégias dele para reverter este quadro e fazer o(a) sucessor(a)?



Neamp

Fernando Azevedo - É uma falácia pensar que Lula iria influencia eleições municipais. Eleição presidencial e eleição municipal são pleitos com naturezas completamente distintas. Na eleição municipal a os temas e a agenda de discussão são essencialmente locais e administrativas, e o eleitor está preocupado prioritariamente em eleger um bom administrador da cidade. Nas eleições presidenciais a agenda é essencialmente política e a lógica do eleitor é outra. Aí sim, ao enfrentar a eleição do seu sucessor o Lula poderá ter influência e transferir votos caso ele, e seu governo, tenham uma boa avaliação no momento eleitoral. É óbvio que a estratégia eleitoral de Lula será condicionada pela conjuntura econômica e política de 2010 e de quem serão os candidatos em disputa. Ainda estamos longe da eleição e qualquer análise hoje é pura especulação.